



Em *S*ociedade

A PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE CRIME E VIOLÊNCIA EM BELO HORIZONTE E RMBH, 1991-2020: contexto, abordagens teórico-metodológicas e lacunas

*Ana Camila Ribeiro Moreira*¹
*Luciana Teixeira de Andrade*²

RESUMO

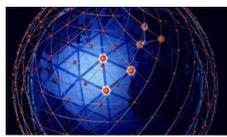
Este artigo analisa 71 estudos sobre o tema da criminalidade e da violência na cidade de Belo Horizonte e na sua região metropolitana. Trata-se de recorte de um levantamento maior de dissertações e teses defendidas nos Programas de Pós-Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) nas últimas três décadas (1991 a 2020) sobre os estudos urbanos. Dentro da temática do crime e da violência, os estudos foram analisados em seus aspectos teóricos, metodológicos e substantivos. Considerando a totalidade dos estudos levantados no período, notou-se a predominância das teorias ecológicas do crime, das metodologias qualitativas e das políticas públicas de segurança. Entre as lacunas, observou-se a falta de trabalhos que abordassem de forma mais direta, e como problema principal, as dimensões raciais dos crimes e suas relações com a população LGBTQIA+.

Palavras-chave: Belo Horizonte. RMBH. Criminalidade. Violência. Pós-graduação.

ABSTRACT

¹ Doutoranda em Ciências Sociais pela PUC Minas, mestre em Ciências Sociais (PUC Minas) e graduada em Relações Internacionais (PUC Minas). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0480654945363793>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9079-2803>.

² Doutora em Sociologia, com atuação preponderante na Sociologia Urbana. É professora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC Minas. É bolsista de Produtividade do CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5571899755175457>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6137-1268>



This article analyses 71 studies on criminality and violence in Belo Horizonte and its Metropolitan Region. It is an excerpt from a larger survey of dissertations and thesis presented in the Postgraduate Programs of UFMG and PUC Minas in the last three decades on urban studies. It intends to analyze 71 studies on the topic of crime and violence within the city of Belo Horizonte and its Metropolitan Region, between 1991 and 2020, focusing on the theoretical and methodological aspects of the productions. Considering the totality of studies surveyed in the period, it was noted the predominance of the application of ecological theories of crime, qualitative methodologies and topics regarding the analysis of public security policies. Studies on race and LGBTIA+ issues as the main issue were not identified.

Key words: Belo Horizonte. RMBH. Criminality. Violence. Post Graduation.

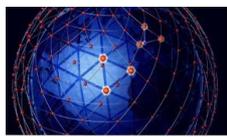
1 INTRODUÇÃO

O foco deste artigo são as teses e dissertações defendidas nas duas principais universidades de Belo Horizonte: a UFMG e a PUC Minas. No entanto, antes de adentrar na apresentação dos dados, esta introdução apresentará alguns aspectos a fim de situar o leitor em relação ao tema do artigo.

A criminalidade urbana é constituída de eventos violentos perpetrados em espaços urbanos, vinculados ao modo de vida próprio e a situações cotidianas típicas desses espaços. Em geral, uma situação caracteriza-se como violenta quando há o uso de mecanismos coercitivos no intuito de violar a integridade física, moral e psíquica de outrem ou de grupos sociais, ao passo que o “crime” é, justamente, a tipificação dessas condutas no aparato jurídico do Estado, materializadas no Código Penal (Misse, 2002; Waiselfisz, 2010; Adorno, 2011).

O acelerado processo de industrialização e urbanização; a desigualdade social; a disseminação do uso de armas de fogo e a intensificação do tráfico de drogas varejista a partir da segunda metade da década de 1970 são apontados, pelos estudiosos do tema, como os principais fatores para a recorrente violência presente nos grandes centros urbanos brasileiros (Misse, 2002; Adorno, 2011).

O último quartel do século XX explicitou o temor generalizado da sociedade brasileira em relação à criminalidade violenta, fenômeno cada vez mais latente em seu cotidiano, principalmente no meio urbano. Esse cenário foi acompanhado pelo crescimento de diferentes categorias criminais, com ameaças à integridade física e patrimonial dos indivíduos (Adorno; Nery, 2019).



De acordo com Zaluar (1998), não se trata de uma violência com a qual já éramos habituados. Tampouco tem-se a extensão do mandonismo e coronelismo do âmbito rural para o meio urbano, como defendem Beato Filho e Marinho (2007), já que a nova ordem emergente não detinha aspirações políticas (como as práticas sociopolíticas do contexto campesino) e o delito comum foi substituído pela criminalidade bem articulada. As redes do crime organizado no Brasil dedicaram-se, vigorosamente, ao tráfico de drogas e de armas.

A geopolítica das drogas posicionou o Brasil como país consumidor e transportador de drogas ilícitas advindas dos países andinos em direção a outros continentes, especialmente para Europa e África. Essas características implicam determinadas dinâmicas institucionais e sociais, bem como relações específicas com o Estado e o mercado (Zaluar, 1998, 2019).

“Somos um dos países mais violentos na região mais violenta do mundo”, afirmam Beato Filho e Marinho (2007, p. 177). Dados do *Global Study on Homicide*, de 2023, do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime, apontam que o Brasil possui a segunda maior taxa de homicídios da América do Sul (21,3%), atrás somente da Colômbia, a qual apresenta uma taxa de 25,7% (UNODC, 2023). Brasil e Colômbia são países que contribuem imensamente para a quantidade de homicídios na América Latina, tendo em vista a densa população dos dois países – 209.469.333 e 49.648.685 milhões de habitantes em 2018, respectivamente (UN DESA, 2018).

As Regiões Metropolitanas do Sudeste do Brasil foram as mais assoladas pelo fenômeno em seu período de ascensão, representando 55% do total de mortes por homicídio no país durante a década de 1980 (Beato, 2012). Posteriormente, os primeiros lugares passaram a ser ocupados pelas capitais do Nordeste e, depois, do Norte.

A taxa de mortalidade por agressão no estado de Minas Gerais elevou-se de 8,7 em 1980 para 12 em 2000. O ano de 2005 apresentou os maiores níveis de homicídios no estado, cuja taxa anual girou em torno de 22 mortes por 100 mil habitantes. Na década seguinte, este valor reduziu para 18,6 e, finalmente, caiu para 12,8 em 2020 (Gráfico 1) (Ipea, 2025).

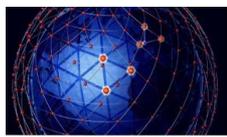
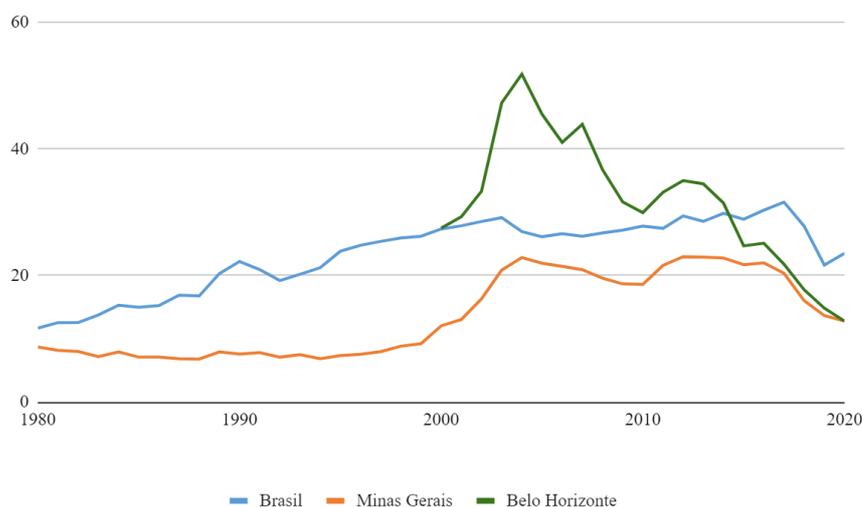


Gráfico 1 - Taxa de homicídio (100 mil hab.) no Brasil, em Minas Gerais e em Belo Horizonte, 1980-2020



Fonte: Elaboração própria com base em Ipea (2025).

Para conhecer como esse tema vem sendo abordado por parte dos estudiosos, este trabalho parte de um levantamento das teses e dissertações sobre criminalidade e violência em Belo Horizonte e Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) nas últimas três décadas produzidas no âmbito dos programas de Pós-Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Este material é produto do projeto de pesquisa *A produção acadêmica sobre o urbano em BH e na RMBH em três décadas (1991-2020)*, que contou com o apoio de órgãos de incentivos à pesquisa, como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Iniciada em 2020, durante a pandemia da Covid-19, e concluída em 2022, a pesquisa levantou, nos repositórios *on-line* dessas instituições, 670 estudos sobre os temas urbanos.

A estruturação deste artigo inicia-se com uma nota metodológica que explica como o levantamento foi realizado, seguida pela apresentação e análise das dissertações e teses selecionadas a partir de várias formas de classificação e ordenamento, tais como as instituições de origem, o tipo de trabalho, os períodos da produção, a identificação das metodologias utilizadas e suas relações com os objetos de pesquisa e a área das Ciências Humanas dos Programas de Pós-Graduação (PPG), entre outros aspectos. Por fim, nós nos deteremos nas abordagens teóricas e subtemas mais recorrentes nos estudos sobre criminalidade, bem como nas lacunas temáticas identificadas nos 71 estudos.



2 NOTA METODOLÓGICA

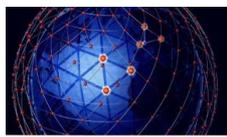
Como já mencionado, este artigo é parte de uma pesquisa mais abrangente que levantou, nos repositórios *on-line* de teses e dissertações das duas principais universidades de Belo Horizonte – do ponto de vista da concentração de cursos de pós-graduação –, as produções sobre a capital e sua região metropolitana, concluídas entre os anos de 1991 e 2020. Nesse levantamento, foram identificados 670 estudos sobre temas urbanos.

A escolha da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) se deveu ao número de programas de pós-graduação *stricto sensu* que ambas concentram, bem como à diversidade de áreas que abrangem, muito maior na UFMG, mas ainda significativa na PUC quando comparadas a outras instituições locais.

Um trabalho pioneiro nesse tipo de levantamento, e que serviu de inspiração, foi o *Belo Horizonte em tese*, organizado pela professora Berenice Guimarães e o professor Sérgio de Azevedo, ambos da UFMG, e publicado em 1995. A equipe envolvida no projeto coletou teses, dissertações, monografias produzidas entre os anos de 1920 a 1994, cobrindo um período de 74 anos. Foram contempladas universidades de todo o país e até do exterior, totalizando 449 trabalhos.

O levantamento atual identificou 670 trabalhos, o que revela um crescimento bastante significativo, diretamente relacionado à expansão da pós-graduação, a partir dos anos 2000, seja em número de cursos, seja em número de alunos e de bolsas (Cabral, 2020). Como se verá na próxima seção, o crescimento das produções sobre crime e violência foi significativamente maior.

Como nosso interesse esteve voltado para os temas urbanos – ou seja, aqueles que tratavam da cidade de Belo Horizonte e sua região metropolitana –, procedemos a uma seleção de programas com base em dois critérios principais e não excludentes: (1) programas de pós-graduação mais identificados com os temas urbanos e (2) programas pertencentes às áreas das Ciências Sociais e Humanas. Isso nos levou à seleção de quinze programas: Arquitetura e Urbanismo (dois programas), Antropologia, Ciência Política, Ciências Sociais, Sociologia, Ciências da Religião, Comunicação, Demografia, Direito, Educação, Estudos do Lazer, Geografia, Psicologia e Relações Internacionais.



À primeira vista, um levantamento das produções registradas em bancos de dados pode parecer uma tarefa relativamente simples. Mas essa não foi a situação encontrada, especialmente na UFMG, que possui um repositório central e outros repositórios mantidos pelos próprios programas de pós-graduação, nem sempre com as mesmas informações. Constatar essa realidade em um momento de pandemia, com acesso restrito aos funcionários, consumiu um tempo considerável da pesquisa.

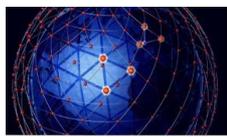
Cientes desse desencontro, realizamos o levantamento nos dois bancos, eliminando as produções duplicadas. Ainda assim, identificamos algumas lacunas, pois algumas teses e dissertações que conhecíamos não constavam em nenhum dos repositórios³. A estratégia seguinte foi realizar uma busca no Currículo Lattes de professores especialistas nos temas pesquisados, tanto na UFMG quanto na PUC Minas. Ainda que alguma produção possa ter ficado de fora, dado o tamanho da equipe de pesquisa e o tempo de que dispúnhamos, a investigação apenas dos especialistas foi a alternativa viável diante do grande número de programas de pós-graduação e de docentes envolvidos.

O resultado foi a identificação de algumas produções de professores da UFMG que não constavam em nenhum dos repositórios. A exigência da Capes quanto à disponibilização das teses e dissertações, a partir dos anos 2000, certamente contribuiu para a maior fidedignidade desses repositórios; o mesmo não se pode dizer em relação às produções dos anos anteriores⁴. No caso da PUC, em que os programas são mais novos e também em menor número, o que facilita o controle dos lançamentos, não encontramos esse tipo de dificuldade.

Inicialmente, a pesquisa mais ampla começou com o uso de palavras-chave relacionadas aos temas urbanos, estratégia que, embora não abandonada, revelou-se insuficiente diante da constatação da falta de critérios comuns (ou mesmo do descuido) na escolha dessas palavras por parte de alguns autores. A partir disso, passamos a selecionar as produções por meio da leitura dos títulos, resumos e, quando necessário, das introduções. Para a classificação de aspectos como o local da pesquisa, período e outros dados, muitas vezes essa leitura não foi suficiente, exigindo, ainda que nem sempre com sucesso, a consulta a outras partes dos trabalhos.

³ No caso da PUC, a produção registrada no Currículo Lattes correspondia à do repositório.

⁴ Mesmo a partir dos anos 2000, detectamos na pesquisa para este trabalho dissertações e teses recentes que não constavam em nenhuma das duas bases de dados da UFMG.



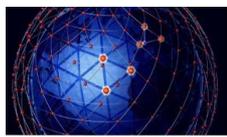
Ao filtrar, dentro do levantamento geral, as produções relacionadas aos temas do crime e da violência, inserimos os vocábulos próprios da área temática nos campos de busca dos repositórios e do Currículo Lattes, como “crime”, “violência”, “criminalidade”, “segurança”, “polícia”, “policiamento”, “homicídio”, “prisão”, “tráfico” e “vitimização”. Essa estratégia contribuiu sobremaneira para a localização dos trabalhos. Por meio desse processo, encontramos trabalhos nos seguintes programas de pós-graduação: Sociologia (UFMG)⁵, Geografia (UFMG), Educação (UFMG), Arquitetura e Urbanismo (UFMG), Economia (UFMG), Ciências Sociais (PUC Minas), Geografia (PUC Minas), Psicologia (PUC Minas), Educação (PUC Minas) e Letras (PUC Minas). É sobre essa produção que a próxima seção do artigo se deterá.

3 A CRIMINALIDADE URBANA E O PANORAMA DOS ESTUDOS SOBRE “CRIME E VIOLÊNCIA” EM BELO HORIZONTE E RMBH

Em 1995, o Centro de Estudos Urbanos (CEURB) da UFMG publicou um importante levantamento das produções acadêmicas sobre Belo Horizonte, o *Belo Horizonte em tese* (Guimarães; Azevedo, 1995), entre os anos de 1920 a 1994. Do conjunto das obras levantadas, 449 no total, apenas quatro estudos versavam sobre crime e violência em Belo Horizonte, entre monografias, teses e dissertações. Quando comparamos com o atual levantamento, objeto deste artigo, os setenta e um estudos identificados sobre crime e violência apontam para um crescimento revelador da importância que o tema adquiriu nos estudos pós-graduados.

Além da extensão das práticas violentas em meio urbano, outros dois fatores podem ser indicados como relevantes para a compreensão da diferença quantitativa entre ambos os estudos quando consideramos a temática. A primeira diz respeito a uma expansão nacional da pós-graduação, como já foi comentado anteriormente. Essa expansão se fez sentir de forma ainda mais intensa na PUC Minas, que até então era quase que exclusivamente voltada para a graduação e a pós-graduação *lato sensu*. A segunda explicação aponta para a centralidade do tema da criminalidade no país ao final da década de 1980, assim como de financiamentos

⁵ O Programa de Pós-Graduação em Sociologia teve origem no mestrado em Sociologia e Política criado em 1981. Em 2007, ele passou a ter o seu nome atual (UFMG, 2017). Assim, os trabalhos defendidos no âmbito do extinto PPG em Sociologia e Política são contabilizados, na presente pesquisa, enquanto PPG em Sociologia.



específicos para a área. Isso se refletiu nos programas de pós-graduação, que passaram a incluir linhas de pesquisa sobre crime e violência, além da criação de centros de estudo e da especialização de parte do seu corpo docente nesse tema.

A UFMG e a PUC Minas concentram a maioria dos programas de pós-graduação acadêmicos em Minas Gerais. No âmbito da Universidade Federal, foram produzidos 43 trabalhos (61%), e na Universidade Católica, 28 trabalhos (39%), totalizando os 71 selecionados. Entre essas produções, 54 são dissertações de mestrado e 17 são teses de doutorado, como pode ser visualizado na Tabela 1.

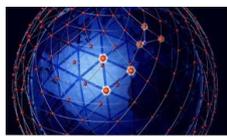
Tabela 1 - Número de dissertações e teses produzidas nos programas de pós-graduação da UFMG e PUC Minas sobre crime e violência em Belo Horizonte e na RMBH (1991-2020)

Tipo de produção	N	%
Dissertação	54	76
Tese	17	24
Total	71	100

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa *A produção acadêmica sobre o urbano em BH e na RMBH em três décadas (1991-2020)*.

Essa proporção é similar à produção geral dos trabalhos acadêmicos no país: entre 2010 e 2019, as dissertações foram responsáveis por 72,5% dos estudos da pós-graduação e as teses corresponderam a 27,5% (BDTD, 2025).

Em relação ao sexo dos autores, identificados pelos seus nomes, nota-se uma paridade: 36 trabalhos foram produzidos por mulheres e 35 por homens. É promissora a presença de mulheres em um campo de pesquisa altamente masculinizado, como são as polícias, os autores de crimes e os detentos. De acordo com o estudo “As mulheres nas instituições policiais” (FBSP, 2015), todas as corporações de segurança pública do Brasil (Polícia Militar, Polícia Civil, Polícia Rodoviária Federal, Polícia Federal, Corpo de Bombeiros, Polícia Científica/Perícia e Guarda Municipal), somadas, são compostas majoritariamente por homens, 80,83%, em contraste ao quadro feminino, que corresponde a 18,87%. Cerca de 75% das respondentes da pesquisa afirmaram exercer dupla jornada de trabalho e 25,5% delas vivenciaram assédio sexual no ambiente de trabalho - 4,4% dos homens, em contrapartida, afirmaram ter sido vítimas desse tipo de violência na corporação. Entre 2022 e 2023, o efetivo



feminino nas polícias brasileiras apresentou crescimento de 4,7%, ao passo que a presença de mulheres em cargos de comando nessas corporações aumentou aproximadamente 10% (MJSP, 2024).

A distribuição das teses e dissertações sobre crime e violência em relação aos anos de defesa pode ser visualizada na Tabela 2. Houve progressivo aumento da produção acadêmica do início desta pesquisa (1991) até o terceiro período (2009-2014). Posteriormente, observou-se ligeira queda entre o penúltimo (2009-2014) e o último intervalo (2015-2020).

Tabela 2 - Períodos de defesa das dissertações e teses nos programas de pós-graduação da UFMG e PUC Minas sobre crime e violência em Belo Horizonte e na RMBH (1991-2020)

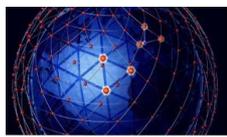
Ano de defesa	N	%
1991 - 2002	2	2,8
2003 - 2008	17	24,0
2009 - 2014	28	39,4
2015 - 2020	24	33,8
Total	71	100

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa *A produção acadêmica sobre o urbano em BH e na RMBH em três décadas (1991-2020)*.

4 OBJETOS DE ANÁLISE E METODOLOGIAS CIENTÍFICAS

Os trabalhos selecionados estão alocados em seis PPG da UFMG e em cinco PPG da PUC Minas. Os programas de Ciências Sociais e de Sociologia de ambas as universidades são responsáveis por mais da metade das produções, contabilizando 39 pesquisas (ou 55% do total). Em segundo lugar, encontra-se a produção no âmbito da Geografia (12), com especial atenção para o PPG da PUC Minas, no qual foram defendidos onze trabalhos.

O grande volume de trabalhos da área temática no Programa de Sociologia da UFMG pode ser explicado pela afinidade histórica do departamento com o tema da criminalidade há mais de trinta anos – culminando na criação do Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (Crisp) em 1996 – e pela linha de pesquisa em Sociologia do crime, do desvio e do conflito (UFMG, 2022). Na PUC Minas, nota-se uma aglutinação nos programas de Geografia



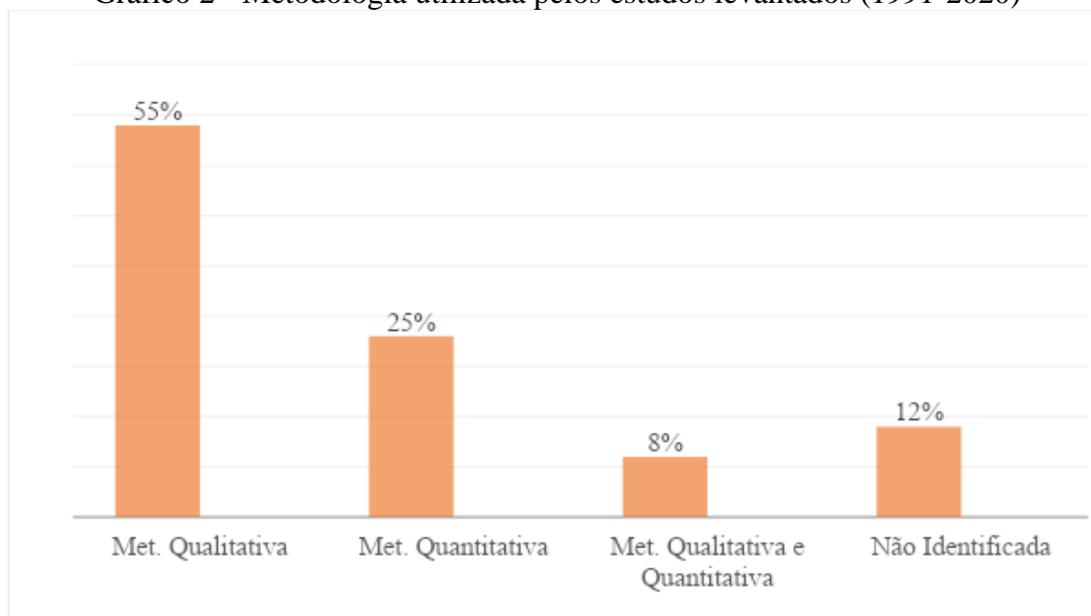
e Ciências Sociais devido à presença de profissionais especializados na área do crime e da violência nos dois programas.

O Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFMG é o mais equilibrado em termos metodológicos, pois são nove pesquisas quantitativas, quatorze qualitativas e cinco quantitativa/qualitativa. No Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC Minas, que contribuiu com dez trabalhos, nove foram conduzidos por meio de técnicas de pesquisa qualitativa – entrevistas semiestruturadas, observação participante e trabalho de campo. No Programa de Pós-Graduação em Geografia da PUC Minas, dez estudos utilizaram análises estatísticas e de georreferenciamento para identificar a distribuição criminal em determinados pontos da cidade.

As ferramentas de análise utilizadas pelos trabalhos defendidos no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFMG, Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMG, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC Minas, Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC Minas e no Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC Minas foram todas de cunho qualitativo. Isso se deve às tradições dessas áreas, cujos objetos de pesquisa, em sua maior parte, versam sobre as trajetórias de vida de sujeitos vitimados e perpetradores de violência, ambientes escolares, assistência social e segregação socioespacial.

Há uma parcela considerável dos estudos cujos métodos e técnicas de pesquisas não foram apresentados ao longo do texto. Os trabalhos que não apresentam capítulo metodológico ou uma seção de resultados e conclusão a partir de critérios de análise correspondem a 12% do total, categorizados no Gráfico 2 como metodologia “não identificada”.

Gráfico 2 - Metodologia utilizada pelos estudos levantados (1991-2020)

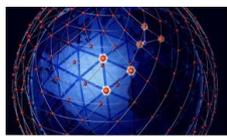


Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa *A produção acadêmica sobre o urbano em BH e na RMBH em três décadas (1991-2020)*.

A fim de compreender as abordagens metodológicas dos artigos científicos que versam sobre a sociologia do crime e da violência, Ribeiro e Teixeira (2017) investigaram 546 trabalhos publicados nas revistas brasileiras de sociologia com Qualis A1 ou A2, entre 1984 e o primeiro semestre de 2017. Os autores concluíram que a área possui uma tradição qualitativa, assemelhando-se às Ciências Sociais de modo geral. Cerca de 41,6% dos artigos aderiram às técnicas de pesquisa qualitativa, sobretudo entrevistas; 29,7% referem-se à revisão da literatura; 17% utilizaram métodos quantitativos; e 11,7% mesclaram o uso das metodologias qualitativa e quantitativa.

Quando comparamos os dados da presente pesquisa com aqueles obtidos por Ribeiro e Teixeira (2017), notam-se convergências. Mais da metade das teses e dissertações sobre a criminalidade e a violência em Belo Horizonte fizeram uso de métodos qualitativos. Os métodos quantitativos correspondem a um quarto dos trabalhos. Chamam a atenção os trabalhos que não se preocupam com a explicitação dos métodos utilizados: 12%.

5 ASPECTOS TEÓRICOS E SUBTEMAS

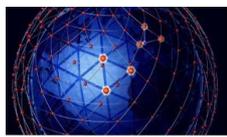


As abordagens oriundas diretamente da Escola de Chicago foram utilizadas em pouco mais de um terço das dissertações e teses, totalizando 25 estudos. Outras 25 publicações utilizaram-se de teorias sociais mais gerais e sem uma relação direta e exclusiva com as temáticas do crime e da violência, cujo surgimento não advém do intuito de compreender estritamente as relações criminais. As teorias que versam sobre o funcionamento e a articulação do Sistema de Justiça Criminal e teorias sobre a violência escolar embasaram dois trabalhos cada. Não foi possível identificar a base teórica de dezessete trabalhos somente com a leitura do resumo, introdução e conclusão; são trabalhos que, tampouco, contêm capítulo teórico.

A influência e a relação do espaço com a criminalidade, *grosso modo*, encontram-se no centro do debate acadêmico dos estudos sobre crime e violência aqui analisados, sobretudo nos estudos empreendidos dos Programas de Ciências Sociais/Sociologia e Geografia, mais influenciados e familiarizados com a tradição da análise espacial adotada pela Escola de Chicago. Observa-se, portanto, uma posição privilegiada da ecologia social do crime, cuja gênese remete à relação entre a produção social do espaço e a espacialização das relações sociais. Tais preocupações, como já mostrou Beato (2012), foram beneficiadas pelas novas técnicas de análise espacial.

[...] a compreensão de fatores relacionados ao espaço urbano tem se desenvolvido em virtude do avanço de novas técnicas de análise espacial e da capacidade computacional de análise de grandes bancos de dados. Isso tem permitido a busca por explicações no interior do espaço urbano em um nível de detalhe que não era possível anteriormente. Mais recentemente, numa retomada da tradição da Escola de Chicago, tem-se buscado compreender a dinâmica contextual das comunidades urbanas para o entendimento da criminalidade e da violência [...] (Beato, 2012, p. 45).

Na análise sociológica, o espaço urbano não é mero pano de fundo das sociabilidades. A densidade populacional, a impessoalidade, o cosmopolitismo, o individualismo, a fragilidade dos laços sociais foram analisados como os principais fatores que facilitariam a criminalidade nas grandes cidades. Na tradição de parte da Escola de Chicago, trata-se de um cenário marcado pela desorganização social e, para compreender a nova ordem social que surgira, fez-se necessária a constituição de uma sociologia urbana do crime (Coulon, 1995).



A Teoria da Desorganização Social, apesar das críticas recebidas, é ainda uma referência conceitual muito utilizada⁶. Em seguida, aparecem as teorias da Eficácia Coletiva, das Atividades Rotineiras, das Oportunidades e das Oportunidades Multicontextuais. De modo geral, observou-se uma estrutura bastante repetitiva dos capítulos teóricos em relação ao arcabouço teórico da área. A maior parte das dissertações e teses repete uma revisão da literatura, em que se faz um apanhado de todas as vertentes teóricas do crime, sem que elas estejam, necessariamente, relacionadas às análises que se fará e sem uma revisão que as coloque em diálogo. Muitas vezes, os conceitos explicitados no início do trabalho não são retomados adiante, o que demonstra a sua inserção mais por convenção do que de fato para ajudar na interpretação dos dados e da pesquisa.

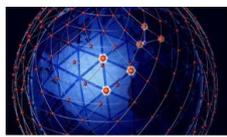
Nos Programas de Pós-Graduação em Educação de ambas as universidades, nota-se uma preocupação voltada à violência escolar e às relações entre juventude e criminalidade (como agressores e vítimas). A juventude, associada à delinquência e reincidência criminal, assim como o ambiente escolar, impactado diretamente pela nova sociabilidade juvenil de cunho violento, tornaram-se o segundo maior objeto de pesquisa quando consideramos estudos sobre a criminalidade em Belo Horizonte e RMBH (Tabela 2).

O Programa de Pós-Graduação em Geografia da PUC Minas possui Análise Espacial como área de concentração, o que ajuda a compreender o grande número de investigações que analisam a distribuição espacial dos crimes. Além disso, contribuiu para a sua produção um convênio interinstitucional firmado entre o PPGG/PUC Minas e a Polícia Militar de Minas Gerais.

As análises dos efeitos das políticas de segurança pública sobre as taxas de homicídio e crimes contra o patrimônio implementadas nas últimas décadas aparecem como um objeto privilegiado de análises nos programas de pós-graduação em Geografia e em Ciências Sociais da PUC Minas e em Sociologia da UFMG.

Outra forma de analisar as produções foi classificá-las quanto às temáticas predominantes dentro da área do crime e da violência. Essa tarefa não foi tão simples como poderia parecer à primeira vista, uma vez que não são raros os trabalhos que se encontram na fronteira entre dois temas. De toda forma, procuramos identificar o tema principal. Como se

⁶ Uma crítica pioneira pode ser encontrada no clássico *Sociedade de esquina*, de William Foote Whyte, publicado em 1943. Para a edição em português, ver White (2005).



pode ver pela Tabela 3, são três as áreas que concentram o maior número de estudos: “Políticas de Segurança Pública” (17), “Violência infanto-juvenil e escolar” (16) e “Distribuição espacial do crime” (14). Avaliações de políticas públicas são predominantes no subtema “Políticas Públicas de Segurança”. Dentre as principais políticas analisadas, estão o Programa de Controle de Homicídios – Fica Vivo! (quatro estudos), Projeto Olho Vivo (três estudos), Programa Liberdade Assistida (um estudo) e o Programa de Inclusão Social de Egressos do Sistema Prisional (um estudo). Estudos que avaliam as organizações policiais, os resultados de policiamento na cidade e o fluxo do Sistema de Justiça Criminal totalizaram sete publicações.

Em menor número (seis), aparece “segregação socioespacial e criminalidade”, seguindo a tendência acima analisada da relação entre espaço urbano e criminalidade. Em quinto lugar, está “cultura organizacional das forças policiais”, a qual ganhou bastante espaço nos estudos sobre criminalidade nos últimos anos. O crescimento das produções acerca de “violência e gênero” está relacionado ao crescente debate público acerca das questões de gênero na sociedade brasileira, até então muito secundárias, em várias áreas da pesquisa acadêmica, e não somente nos estudos do crime. Por fim, as subcategorias “crime organizado” e “vitimização” aparecem com três trabalhos cada.

Tabela 3 - Subtemas mais recorrentes nos estudos levantados (1991-2020)

Ordem	Subtemas	N	%
1	Políticas Públicas de Segurança	17	23
2	Violência infanto-juvenil e escolar	16	22
3	Distribuição espacial do crime	14	19
4	Segregação socioespacial e criminalidade	6	8
5	Cultura organizacional das forças policiais	5	7
6	Violência e gênero	4	5
7	Crime organizado	3	4
8	Vitimização	3	4
Total		68	92%

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa *A produção acadêmica sobre o urbano em BH e na RMBH em três décadas (1991-2020)*.

6 RECORTE ESPACIAL E LACUNAS

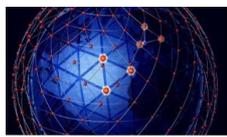
A Tabela 4 analisa os recortes espaciais dos estudos, que foram classificados em sete categorias: Belo Horizonte, Espaço institucional em Belo Horizonte, Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), Cidade da RMBH, Vilas e favelas, Bairro e Belo Horizonte em comparação a outras cidades. Quase metade das produções levantadas (47%) realizou suas pesquisas na capital mineira compreendida em sua totalidade territorial, ou seja, não delimitaram um espaço de análise dentro da cidade. Na categoria Espaço institucional em Belo Horizonte, que corresponde a 17%, os trabalhos analisaram espaços institucionais na capital, tais como escolas e órgãos judiciais ou da administração pública.

Tabela 4 - Espaços analisados pelos estudos levantados (1991-2020)

Recorte espacial	N	%
Belo Horizonte	33	47
Espaço institucional em Belo Horizonte	12	17
RMBH	7	10
Cidade da RMBH	6	8
Vila e favelas	6	8
Bairro	5	7
Belo Horizonte em comparação a outras cidades	2	3
Total	71	100

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa *A produção acadêmica sobre o urbano em BH e na RMBH em três décadas (1991-2020)*.

As pesquisas que tiveram como objeto a Região Metropolitana de Belo Horizonte aparecem como o terceiro recorte espacial mais recorrente, seguido por uma cidade metropolitana específica, tais como Contagem, Esmeraldas, Santa Luzia e Sabará. Os recortes



mais micro, como “vilas⁷ e favelas” e “bairro”, foram abordados em seis e cinco trabalhos, respectivamente. Na categoria bairro, todos os cinco trabalhos se detiveram em dois bairros específicos: Centro e Lagoinha⁸.

Por fim, aparecem os estudos em que a cidade de Belo Horizonte é comparada com uma ou mais cidades. O primeiro deles analisa o grau de vitimização da população de Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Curitiba; o outro compara os delitos cometidos em ambientes escolares em Belo Horizonte e em Bogotá.

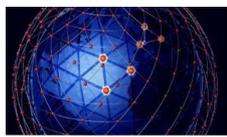
O maior foco na cidade de Belo Horizonte, seus espaços e instituições, tem relação direta com as condições em que as dissertações e teses são elaboradas. Os estudantes, em geral, não contam com financiamento para as suas pesquisas, além da bolsa, cujos valores, muito defasados em relação aos reais custos de vida, não possibilitam uma dedicação integral à pesquisa, obrigando aqueles que não contam com a ajuda familiar a conciliar a bolsa com alguma atividade remunerada permitida pelas agências de fomento. Além disso, não atinge a todos os pós-graduandos. As comparações nacionais e internacionais muitas vezes dependem de deslocamentos nem sempre possíveis para os estudantes.

Impulsionadas pelos movimentos sociais e pelas organizações contra a violência, os meios de comunicação passaram a dar espaço a denúncias das relações entre discriminação racial, racismo estrutural, segurança pública e violência. No entanto, não foram identificadas teses e dissertações acerca dessa temática nos programas de pós-graduação das duas universidades de Belo Horizonte aqui analisadas. Ainda que a questão racial apareça em alguns trabalhos quando o perfil das vítimas e seus perpetradores são mencionados, ela não foi tema central de nenhum estudo.

Assim, homens jovens negros e pardos, com poucos recursos socioeconômicos, baixa escolaridade e moradores das periferias urbanas enxergam no varejo do tráfico de drogas uma fonte lucrativa de capital ilegal, apesar do iminente risco que apresenta. Isso explica, em partes, porque esse perfil socioeconômico representa 94% das mortes violentas ocorridas em solo latino-americano (Instituto Igarapé, 2017; Misse, 1995).

⁷ Em Belo Horizonte, as favelas são chamadas de vilas pela administração municipal e por parte da população. Trata-se de uma tentativa de evitar o estigma associado à denominação favela.

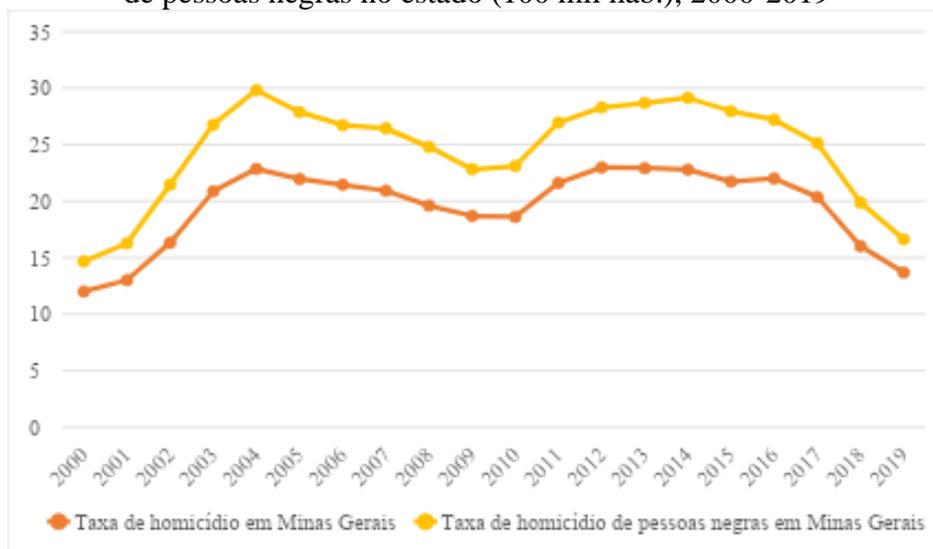
⁸ Bairro antigo, próximo ao Centro e a uma das mais antigas favelas da cidade. O bairro e a favela são conhecidos atualmente pelo comércio e consumo de *crack*.



A partir da criminalização da pobreza, a polícia parece seguir um padrão fisionômico e geográfico, identificando um perfil suspeito através da cor de pele e classe social (Misse, 1995). Porém, isto não explica as violências que não envolvem as forças de controle estatal.

A população negra, além de ser o segmento mais acometido pela violência homicida no Brasil e em Minas Gerais, constitui 66,3% dos detentos no país: entre 2005 e 2020, o encarceramento desse perfil aumentou 13,5%, em contraste à cor/raça branca, cuja queda foi de 18,3% no período (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2021a).

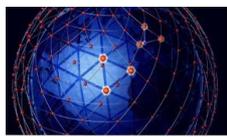
Gráfico 3 - Taxa de homicídio em Minas Gerais (100 mil hab.) e taxa de homicídio de pessoas negras no estado (100 mil hab.), 2000-2019



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Ipea (2025).

Além do recorte de cor/raça, nenhuma das 71 publicações retratou a violência contra a população LGBTQIA+. Entre 2019 e 2020, no Brasil, pouco mais de 2.500 indivíduos foram vítimas de lesão corporal e estupro, homicídio doloso e estupro em decorrência de homofobia e transfobia⁹, segundo dados do *Anuário Brasileiro de Segurança Pública* de 2021 (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2021b). O documento aponta que oito estados, dentre eles, Minas Gerais, não disponibilizam informações sobre a vitimização do grupo. Desse modo, as pesquisas cujo objeto é a violência direcionada a grupos minoritários em Belo Horizonte e na RMBH, bem como sua prevenção, trataram exclusivamente da violência contra a mulher.

⁹ A subnotificação desses casos é alta, e as tipificações criminais contra esse grupo não se limitam à violência física.



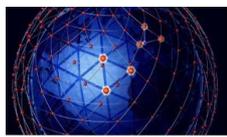
A terceira lacuna encontrada é de cunho metodológico e diz respeito ao baixo número de estudos comparativos. Como acima mencionado, apenas dois trabalhos estabeleceram comparações, um em âmbito nacional e outro internacional. Ribeiro e Teixeira (2017, p. 18), ao mapearem os estudos publicados nas revistas brasileiras de sociologia Qualis A1 e A2 na área de criminalidade e violência nos últimos vinte anos, atestam que somente “1,6% dos trabalhos dizem respeito às comparações internacionais”.

Pesquisas comparativas a nível internacional são pouco disseminadas no campo dos estudos urbanos – até mesmo comparações a nível nacional o são – devido à recorrente narrativa de incomensurabilidade deste tipo de pesquisa, em razão das diferenças de níveis econômicos e políticos entre as diversas metrópoles e municípios. Argumenta-se que os contextos urbanos são extremamente diversificados e únicos. Assim, em detrimento das vastas dissonâncias entre si, as cidades teriam poucos pontos em comum a serem estudados. Entretanto, vivemos em um mundo altamente globalizado, o que significa maior padrão comportamental e contextual entre diversas unidades de análise, independentemente de seu ponto de localização no planeta (Robinson, 2011).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O levantamento revelou, em primeiro lugar, um aumento significativo nas produções acadêmicas sobre criminalidade e violência a partir de 2009. Os principais fatores que explicam essa expansão são, inicialmente, a ampliação dos programas de pós-graduação no país e o crescimento do número de bolsas para mestrandos e doutorandos. Em segundo lugar, destaca-se o aumento das mortes violentas no Brasil no início dos anos 2000, o que contribuiu para o crescimento do interesse dos pós-graduandos pelo tema, assim como estimulou o incremento das fontes de financiamento para pesquisas na área, resultando na criação de centros e linhas de pesquisa dedicados especificamente ao tema nos programas de pós-graduação.

Os 71 trabalhos de conclusão de pós-graduação *stricto sensu* mapeados apontam as principais tendências sobre como são apreendidos os fenômenos da criminalidade e da violência na capital mineira e na sua região metropolitana. O levantamento revela também os seguintes objetos de pesquisa: o predomínio de métodos e técnicas de viés qualitativo – sobretudo entrevistas; a liderança dos programas de Sociologia/Ciências Sociais e Geografia na produção

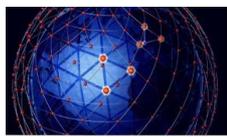


acadêmica sobre o tema; a alta recorrência dos aportes teóricos oriundos da Escola de Chicago; a centralidade das políticas de segurança pública; a violência infantojuvenil e escolar e as análises espaciais do crime. No que toca aos lugares nos quais as pesquisas foram realizadas, Belo Horizonte se destaca frente às outras cidades e regiões do estado de Minas Gerais.

Entre as dificuldades encontradas na seleção dos trabalhos, algumas chamam a atenção para cuidados que deveriam ser mais bem observados, a fim de facilitar pesquisas futuras e contribuir para uma maior circulação das produções. A principal dificuldade foi a falta de atenção e/ou critérios na definição das palavras-chave, o que dificultou a identificação dos trabalhos. Esse aspecto, frequentemente secundarizado, é de suma importância para que as produções possam ser encontradas por outros pesquisadores. Em segundo lugar, e em um número menor de trabalhos, observamos a falta de explicitação dos métodos utilizados ou da base teórica. Além disso, notamos uma excessiva padronização na estrutura dos capítulos teóricos, que tendem a revisar a bibliografia sobre as teorias do crime de forma quase mecânica, sem reflexão original adicional e, muitas vezes, sem as necessárias conexões com a questão que está sendo estudada. A maioria desses problemas não é exclusiva da área e reflete as formas excessivamente padronizadas da produção acadêmica em geral.

Vale ressaltar, mais uma vez, a importância de uma boa escolha das palavras-chave, fundamental para a localização da pesquisa nos bancos de dados. A falta de atenção a esse recurso tão importante acaba prejudicando a disseminação e o impacto das teses e dissertações, que, ao contrário dos artigos, já são menos consultadas. Valorizar as formas de acesso a essas produções acadêmicas por meio de bancos de teses abertos à consulta pública nas universidades foi um grande avanço, que pode ser ainda mais potencializado com formas eficazes de consulta, como as palavras-chave, desde que bem definidas.

A análise realizada identificou duas ausências principais: a dimensão racial e os grupos LGBTQIA+ não apareceram como objetos das produções. Como mencionado no corpo do texto, esses grupos aparecem de forma muito tímida em alguns trabalhos, mas não como tema central. Quanto aos prognósticos, acredita-se que a tendência seja de crescimento do subtema “Gênero e violência”, em função do recrudescimento da violência doméstica contra mulheres brasileiras durante o período de isolamento social em decorrência da Covid-19, da expansão do movimento feminista no país e da classificação da prática de feminicídio enquanto tipologia criminal hedionda, aos moldes da Lei n. 13.104/2015 (Brasil, 2015). Em relação à questão



racial, é de se esperar que apareça com mais centralidade nos próximos trabalhos em virtude da própria problematização do racismo e da reivindicação de sua maior visibilidade na academia.

Por fim, há, no conjunto das produções analisadas, um baixo número de trabalhos comparativos. Apenas duas produções se inserem neste espectro. Diante do crescimento de relações sociais e econômicas cada vez mais interconectadas, como ocorre, por exemplo, no tráfico de drogas, seria importante compreender os aspectos globais da criminalidade, assim como as suas diferentes manifestações nacionais e locais. É de se esperar que os recentes investimentos na internacionalização das pesquisas no Brasil resultem em mais estudos comparativos.

As autoras agradecem ao CNPq o financiamento da pesquisa que deu origem a este artigo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Sérgio. Violência e crime: sob o domínio do medo na sociedade brasileira. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz. (org.) **Agenda brasileira**: temas de uma sociedade em mudança. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ADORNO, Sérgio; NERY, Marcelo Batista. Crime e violências em São Paulo: retrospectiva teórico-metodológica, avanços, limites e perspectivas futuras. **Caderno Metrôpole**, 21 (44), Jan-Apr 2019. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/cm/a/W4wbLBTYnNdKLVR4CVH3FSS/?format=pdf&lang=pt>>
Acesso em 20 set. 2025.

BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES – BDTD. Acesso e visibilidade às teses e dissertações brasileiras. Disponível em: <<https://bdt.d.ibict.br/vufind/>>
Acesso em 28 set. 2025.

BEATO, Cláudio. **Crime e cidades**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

BEATO FILHO, Cláudio Chaves; MARINHO, Frederico Couto. Padrões regionais de homicídio no Brasil. In: CRUZ, Marcus Vinicius Gonçalves da; BATITUCCI, Eduardo Cerqueira. **Homicídios no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. p. 177-190.

BRASIL. **Lei n. 13.104, de 9 de março de 2015**. Altera o art. 121 do Decreto-Lei n. 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei n. 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113104.htm. Acesso em: 8 jul. 2023.



CABRAL, Thiago Luiz de O. *et al.* A Capes e suas sete décadas: trajetória da pós-graduação *stricto sensu* no Brasil. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 16, n. 36, p. 1-22, 2020. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/1680/915>. Acesso em: 15 out. 2023.

COULON, Alain. **A Escola de Chicago**. Campinas: Papyrus Editora, 1995.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA - FBSP. **Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil**. Coordenação de Samira Bueno, Juliana Martins, Amanda Pimentel, Amanda Lagreca, Betina Barros e Renato Sérgio de Lima. 3. ed. 2021a. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/06/relatorio-visivel-e-invisivel-3ed-2021-v3.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA - FBSP. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2021**. Coordenação de Samira Bueno e Renato Sérgio de Lima. Ano 15, 2021b. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/10/anuario-15-completo-v7-251021.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA - FBSP. **As mulheres nas instituições policiais**. Coordenação Samira Bueno, Maria José Tonelli e Thandara Santos. 2015. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/160>. Acesso em: 23 mar. 2025.

GUIMARÃES, Berenice; AZEVEDO, Sérgio de (org.). **Belo Horizonte em tese**. Belo Horizonte: Centro de Estudos Urbanos/UFMG, 1995.

INSTITUTO IGARAPÉ. **The world's most dangerous cities**. 2017. Disponível em: <https://igarape.org.br/the-worlds-most-dangerous-cities/>. Acesso em: 3 abr. 2025.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA - IPEA. **Taxa Homicídios**. 2025. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/filtros-series/1/homicidios>. Acesso em: 3 abr. 2025.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA - MJSP. **Efetivos e cargos de comando**. 2024. Disponível em: <https://shorturl.at/y1rT6>. Acesso em: 3 abr. 2025.

MISSE, Michel. Cinco teses equivocadas sobre a criminalidade urbana no Brasil: uma abordagem crítica, acompanhada de sugestões para uma agenda de pesquisas. **Série Estudos**, n. 91, p. 23-39, 1995. Disponível em: http://necvu.com.br/wp-content/uploads/2020/11/Cinco_Teses_Equivocadas_sobre_a_Criminal.pdf Acesso em: 24 jan. 2025.

MISSE, Michel. **Violência: o que foi que aconteceu?** 2002. Disponível em: <https://tinyurl.com/yc66ze4u> Acesso em 29 set. 2025.



PUC MINAS. **Programa de Pós-Graduação *stricto sensu***. 2022. Disponível em: <https://www.pucminas.br/Pos-Graduacao/Paginas/Mestrado-e-Doutorado.aspx>. Acesso em: 7 jul. 2022.

RIBEIRO, Ludmila; TEIXEIRA, Alex Niche. O calcanhar de Aquiles dos estudos sobre crime, violência e dinâmica criminal. **BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, São Paulo, n. 84, p. 13-80, 2017. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/436/414>. Acesso em: 29 set. 2025.

ROBINSON, Jennifer. Cities in a World of Cities: The Comparative Gesture. **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 35, n. 1, p. 1-23, 2011. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1468-2427.2010.00982.x>. Acesso em: 29 set. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG. **Histórico do Programa**. 2017. Disponível em: <https://www.fafich.ufmg.br/ppgs/historico/>. Acesso em: 3 abr. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG. **CRISP - Sobre**. 2022. Disponível em: <https://www.crisp.ufmg.br/apresentacao/>. Acesso em: 2 jul. 2023.

UNITED NATIONS DEPARTMENT OF ECONOMIC AND SOCIAL AFFAIRS – UN DESA. **World Urbanization Prospects**. 2018. Disponível em: <https://population.un.org/wup/>. Acesso em: 4 mar. 2025.

UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME – UNODC. (2023). Global Study on Homicide 2023. Disponível em: https://www.unodc.org/documents/data-and-analysis/gsh/2023/Global_study_on_homicide_2023_web.pdf. Acesso em: 3 abr. 2025.

WASELFISZ, Julio. **Mapa da Violência 2010**: Anatomia dos homicídios no Brasil. Instituto Sangari, 2010. Disponível em: <<https://flacso.org.br/files/2020/03/MapaViolencia2010.pdf>> Acesso em: 29 set. 2025.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina**. [1943] Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ZALUAR, Alba. Para não dizer que não falei de samba: os enigmas da violência no Brasil. In: NOVAIS, Fernando; SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 245-318.

ZALUAR, Alba. Nexos entre droga, violência e crime organizado. **Revista Brasileira de Sociologia**, Porto Alegre, v. 7, n. 17, p. 55-76, set./dez. 2019. Disponível em: https://rbs.sbsociologia.com.br/rbs/article/view/475/pdf_38. Acesso em: 29 set. 2025.